

SEGUNDO CADERNO

QUINTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2011

Mônica Imbuzeiro



DOMINGOS OLIVEIRA, no palco do Oi Futuro Flamengo, que ocupa até o fim do mês com o que viu e viveu: “Na verdade, eu sou um autor sério que faz um enorme esforço para fingir que não é”

Vivências filosóficas

Domingos Oliveira estreia amanhã a trilogia ‘Sentimento do mundo’, em que resume suas memórias e reflexões

Luiz Felipe Reis

O ponteiro do relógio passa das 12h, e Domingos Oliveira saca seus óculos escuros. Não se protege do sol, muito menos dos refletores do teatro do Oi Futuro Flamengo, onde está enfurnado desde as 10h. Ao colocar sobre os olhos uma chamativa armação roxeada, algo sobrenatural acontece: a voz do microfone modula em ecos e ele incorpora Deus, autor do universo. Desaba numa poltrona branca e desanda a disparar sentenças: “Quando criei o homem... Achei que aquele bípede arrogante tinha de ter limite, pelo menos ser mortal.” Ou: “Fracasso horrível, eu errei. Antes de tudo sou um artista e o homem é a minha pior obra, sem dúvida. Ah, que vontade de me matar. Mas não posso! Sou imortal.” Domingos brinca, filósofo. Diverte-se e faz pensar. E é na conjunção destes termos que todo o seu teatro está organizado. O de ontem e o de agora.

— Agora estou preocupado em conservar a alegria em meio à coerência que o espetáculo tem. Porque quando a coisa tem coerência, e você é obrigado a pensar, a tendência é a gente ficar sério.

Estamos na metade de um dia de ensaio da trilogia “Sentimento do mundo”, espécie de compêndio filosófico organizado a partir de tudo o que ele leu, escreveu, filmou e, sobretudo, viveu dentro e fora dos palcos nos últimos 74 anos. Inicialmente, seria um único espetáculo, com quatro horas de encenação, mas Domingos (“Não gosto de espetáculos longos. Em geral, me dão sono”, diz), decidiu partilhar e condensar dramaturgicamente fragmentos de seus diários, peças, filmes, livros e shows em três partes: “Da sociedade e da condição humana” abre a primeira semana, de amanhã a domingo, às 19h30m; “Do amor” será encenada entre os dias 22 e 24; e “Da arte e da transcendência”, o trecho preferido do autor, fecha o ciclo, no fim de semana seguinte. Na verdade, não fecha. E não porque exista uma quarta etapa, em que cada uma das peças ocupa um dia do fim de semana, ou porque ao final de cada sessão Domingos convida a plateia para um drinque no bar e faz questão de pagar a primeira rodada. Mas porque, as-

sim como a filosofia é o divertimento do filósofo, o teatro é o divertimento maior de Domingos. E isso não há de se encerrar.

— São peças curtas, para que depois posamos nos conhecer melhor. A energia que vem de lá é muito concreta e real, então eu tenho vontade de conversar. Isso aqui é um encontro real, humano e insubstituível. É a primeira e única vez que vamos estar juntos, que essa equação humana vai ser formada.

Domingos quer fazer pensar, e ao mesmo tempo “desbundar essas pessoas”, diz. De suspensórios, camisa para dentro da calça e os tais óculos, ele baila com seus sapatos bicolors ao som da canção “Rosa Maria”, de Aníbal da Silva e Éden Silva. Samba um pouco, finge que vai levar um tombo, evolui com os braços até que aponta a seta ao músico... Decide mudar. Domingos muda o tempo todo.

— No fim do dia, todo mundo já está cansado e ele ainda está lá fervilhando, mudando o texto, cheio de ideias. Manda mensagens às cinco da manhã — conta Sara Antunes, que faz a assistência de direção das montagens ao lado de Cristina Fagundes.

Então, num lampejo, ele pede “My way”. Entende que o clássico de Sinatra é a canção exata para embalar o começo da peça. Opção que tem o sentido reforçado ao passo que a letra de um homem que atravessou a vida entre erros e acertos, mas sempre a seu modo e à sua filosofia, ganha a voz de Domingos.

— Eu não acho que a filosofia seja uma coisa abstrata, ela está aí para nos ajudar a viver. É preciso construir a sua filosofia, é ela que te dá o pensamento num mundo materialista, que esqueceu disso.

A mescla de música e filosofia, segundo ele, não é em vão.

— A música interrompe a filosofia e vice-versa. Filosofar, em geral, entristece. Canções, em geral, alegam. Um homem triste que se alegra fica com vontade de ir para a noite e se divertir. Me parece uma boa fórmula. Mesmo pensando, quero que as pessoas estejam alegres. Estou buscando o tom certo.

A fusão entre teatro e este cabaré filosófico-dançante também não é. “Sentimento do mundo” é estruturada sobre uma linha evolutiva cuja gênese está cravada em “Conver-

sas íntimas”. No recém-lançado livro “Minha vida no teatro”, em que derrama suas reflexões sobre os palcos, o autor revela que a peça de 1984 o aproximou do “show, do teatro-festa, do acontecimento teatral real e presente, diferente a cada noite”. Regimento que serve à sua nova investida.

— Estou emocionado. É uma experiência que me permitiram fazer. Na peça, não falo das minhas considerações como ator e diretor, mas das minhas vivências filosóficas — diz. — Acho que as pessoas podem se fascinar com o universo da conceituação. Nada é complicado, o espírito da filosofia verdadeira tá todo aí... Não consegui ler o “Ser e tempo” (de Martin Heidegger) ou “O ser e o nada” (Jean-Paul Sartre). São livros grossos, falam pra burro para dizer pouca coisa, mas, é claro, uma pouca coisa importantíssima, que mudou o mundo.

Talvez não seja coincidência que a continuação de “Conversas íntimas” chamava-se “Do amor”, título que Domingos empresta à segunda metade da trilogia. Nela, casamento, sexo e relacionamentos ganham molho agrícolo a partir de fragmentos de textos que viajam do poema à piada. É o ensejo para alcançar o terceiro movimento, ou o *allegro ma non troppo* da pequena sinfonia teatral composta por Domingos: “Da arte e da transcendência”.

— Acho que todo homem deveria ser artista... Privar o homem da arte é privá-lo de sua vocação principal. Toda profissão tem que estar comprometida com a criação. Vejo a nossa vida como uma obra de arte, e no final dou os meus mandamentos (ao lado), que são as coisas que eu tento não contrariar. É óbvio que contrário, mas quando eu sigo tudo vai bem.

Com sete filmes engavetados, o longa “Tudo mundo tem problemas sexuais” com estreia marcada (13 de maio), a peça “Turbilhão” na fila de espera, e prestes a apagar seu bolo com 75 velas, “o que não é um bolo, mas um incêndio”, Domingos celebra a chance de reunir no palco a filosofia “que os jornais muitas vezes disseram ser de botequim”. Se até hoje não deram a Domingos o endereço do boteco (“Adoraria ir até lá”, diz), ao menos agora parecem endossar a sua bem-humorada condição humana.

— Essa trilogia tem propósitos sérios... Na verdade, eu sou um autor sério que faz um enorme esforço para fingir que não é. ■

OS OITO MANDAMENTOS DA FILOSOFIA DOMINICAL

- **Respeite os seus desejos:** O menor desejo de um homem deve ser atendido o mais depressa possível. Ouviram bem, meninas?
- **Melhor se arrepender de ter feito:** Diante da dúvida, não fazer é uma atitude antiga, do século XIX. Chama-se cautela. Uma atitude careta, por assim dizer.
- **Liberdade:** Não há nada que um homem deseje mais e não há nada de que ele tenha mais medo. Um homem é responsável por todos os seus atos.
- **Terminar tudo aquilo que começa:** É o segredo, que ninguém nos ouça, da produtividade e, portanto, da riqueza. Somente terminando o que você começou é que você vê se era uma merda ou uma maravilha.
- **Livre-se da culpa:** Ninguém pode te culpar de nada. De ser vagabundo, galinha, egoísta ou mal comportado. Você é inocente. Inocente por ausência de uma intenção culposa.
- **Viva cada dia como se fosse o último:** Não é ficar pensando na morte. É prezar a vida. Saber de todos os prazeres que ela pode dar e aproveitá-los gulosamente.
- **Tudo é sexo:** Esqueça a pornografia. É o mito de que é possível trepar indiferentemente. Se existe algo na vida que desperta sentimentos modificadores, isto é o sexo.
- **Um homem deve ser maior do que seu sofrimento:** O importante é amar a vida. O mundo é uma beleza. Se eu não tivesse o mundo dentro de mim, eu ficaria cego quando abrisse os olhos.